

MEIO AMBIENTE E SUSTENTABILIDADE NA PERSPECTIVA DAS NOVAS GERAÇÕES

 ¹SÍLVIA BORGES

Palavras como meio ambiente e sustentabilidade, a partir da década de 1970, passaram a estar presentes nos meios de comunicação de massa, nas escolas e universidades, nas empresas, na publicidade, na política, enfim, em vários âmbitos da sociedade. Nas duas últimas décadas, o ritmo e a força com que essas palavras tornaram-se presença quase obrigatória no cotidiano da sociedade brasileira cresceram a olhos vistos. Seria possível, portanto, à primeira vista, ter a impressão de que o mundo e o Brasil, de maneira homogênea e irreversível, se ambientalizaram. Entretanto, se lançarmos um olhar mais analítico sobre esse fenômeno, é possível dizer que muito facilmente naturalizam-se os conceitos de “meio ambiente”, “questão ambiental”, “sustentabilidade”, “consumo consciente”, entre outros, como se essas não fossem construções sociais e como se fossem ideias universalmente compartilhadas por diferentes grupos sociais. Tomam-se como dadas ideias que de fato são construções de uma sociedade em um determinado momento histórico. Uma perspectiva relativizadora sobre essas questões é, então, uma tarefa que se impõem ao universo acadêmico. Como é possível olhar de maneira relativizadora para esse fenômeno? Mais do

que opiniões reproduzidas sem nenhum senso crítico ou embasamento teórico e/ou empírico, são as pesquisas conceitualmente sólidas, metodologicamente consistentes e sem conteúdo ideológico tão flagradamente marcado que vão propiciar a construção desse tipo de olhar. No Brasil, vários pesquisadores e instituições de pesquisa² têm se dedicado a esse tema do meio ambiente e produzido análises tornadas públicas por meio de artigos, livros e trabalhos apresentados em congressos acadêmicos.



reprodução

1. Doutora e Mestre em Ciências Sociais (Área de concentração: Antropologia) pelo PPCIS/UERJ. Bacharel em Ciências Econômicas pela UERJ. Professora titular e pesquisadora da ESPM-RJ.

2. Vide, por exemplo, os trabalhos de Portilho (2005) e dos institutos Akatu, Ethos e ISER.

No campo específico das Ciências Sociais, desde meados dos anos de 1990, pesquisadores individuais, grupos de pesquisas e grupos de trabalho de importantes congressos acadêmicos vêm reunindo uma produção acerca das chamadas "questões ambientais". Como pesquisadora, venho desenvolvendo, ao longo dos últimos 15 anos, pesquisas nesse campo – mais especificamente na área que se convencionou intitular Antropologia do Meio Ambiente³. Nas duas pesquisas mais recentes das quais participei, foram estudados aspectos relativos às percepções, às relações, aos conhecimentos e às formas de envolvimento de jovens e adolescentes com as questões ambientais. Em 2010, com a parceira da Professora Veranise Dubeux (ESPM-RJ e Centro de Altos Estudos da ESPM – CAEPM/ESPM), realizamos, no âmbito do Núcleo de Pesquisa da ESPM-RJ, uma pesquisa intitulada "Jovens e sustentabilidade ambiental: um estudo sobre as perspectivas e as práticas sustentáveis de jovens universitários". No ano seguinte, em uma parceria com a Professora Ana Laura Gamboggi (UnB) e o Professor Sanjeev Chatterjee (University of Miami), realizamos a pesquisa "Pegada hídrica: qual o tamanho da sua?", um projeto integralmente financiado pelo CAEPM/ESPM. Neste artigo procurarei mostrar, de maneira complementar, ainda que bastante resumida, os resultados dessas duas pesquisas que partem do mesmo ponto de vista, isto é, da ideia de que a sociedade brasileira passa por um momento em que as "questões ambientais" são tomadas como algo importante a ser pensado e discutido, e que para os problemas relacionados ao meio ambiente devem ser apresentadas soluções práticas. Do ponto de vista conceitual essas pesquisas tiveram como base as reflexões do sociólogo alemão Norbert Elias, em especial de sua obra intitulada "O processo civilizador".

ALGUMAS REFLEXÕES CONCEITUAIS SOBRE O MEIO AMBIENTE

Muito embora palavras como meio ambiente, questão ambiental e sustentabilidade tenham sido incorporadas ao léxico da sociedade contemporânea, estas são noções que propiciam diferentes interpretações e apropriações, como argumenta Lopes et al (2004). Uma interessante perspectiva através da qual se pode compreender esse fenômeno social é aquela que recorre a uma construção teórica que desenvolveu e cunhou as expressões "processo ambientizador" e "ambientalização". O processo ambientizador é entendido como um tipo particular de processo civilizador (ELIAS, 1994a; 1994b) que se traduz numa onda ambientalizante que inunda vários campos da vida social, a partir de um dado momento. Para o caso do meio ambiente, utilizar o conceito de processo social, tal como Elias o apresenta, permite perceber que se trata de um fenô-

meno que se desenvolve de múltiplas formas e sem um ponto final definido. Com isso, está imposto que a incorporação do meio ambiente como problema para as sociedades é um fenômeno social que não tem um final previsto ou previsível. O que se quer destacar é que, ao utilizar as ideias de processo civilizador para analisar as transformações no âmbito das sociedades ao que se refere à introdução da preocupação com o meio ambiente, afirma-se que a história da ambientalização é produto de uma racionalização. As sociedades passam a pensar o meio ambiente, e esse conjunto de transformações – a ambientalização da sociedade – teria como ponto de partida a década de 1970, quando acontece a Conferência de Estocolmo (1972) e é criada uma série de instituições voltadas para essa questão do meio ambiente.

Tomando a isto como um processo civilizador, entende-se, por um lado, que é um processo de transformação que tem uma abrangência global, ou seja, que tem um lado universalizante, como uma postura desejável a todos os indivíduos e a qualquer grupo social. Por outro lado, percebe-se que esse processo vai tomar configurações particulares, isto é, que desenvolve-se adquirindo contornos locais. Dito de outra forma, é possível afirmar que as sociedades estão se ambientalizando, mas cada sociedade vai ter seu próprio processo. Diante do meio ambiente, cada sociedade reinterpretaria as informações e reelaboraria suas práticas e imaginários específicos (particulares) a partir dessa temática que é geral (universal). Através desta perspectiva relativizadora, aquilo que poderia ser visto como uma posição passiva e apenas reativa das sociedades, aceitando ou aderindo a um discurso ambiental internacional, passa a ser analisado como circunstâncias que, embora definidas e impostas pelos rumos do capitalismo mundial e da própria ideologia ecológica, são moldadas pelas sociedades através de imagens e ações simbólicas que o evento suscita mediante o próprio esquema cultural.

É essa possibilidade de matizar a ambientalização que será apresentada a seguir, mostrando como segmentos específicos de jovens e adolescentes percebem as questões ambientais e de sustentabilidade.

A PESQUISA JOVENS E SUSTENTABILIDADE

Inicialmente mais restrito ao âmbito do movimento ambientalista, o termo sustentabilidade penetrou em outros campos e segmentos sociais, como o governamental, o acadêmico e o empresarial, e ganhou destaque na mídia, impulsionando seu uso tanto em discursos mais formais como em conversas do cotidiano. Mas, sustentabilidade é como outros tantos conceitos, passível de diversas interpretações e de empregos

variados em distintos contextos. Partindo dessa perspectiva, a pesquisa teve como objetivo geral descortinar como um segmento social específico – a juventude – compreende e traduz o conceito e as questões que envolvem as práticas relacionadas à sustentabilidade. Mais especificamente, o objetivo era analisar a compreensão de conceitos e as práticas ambientais relacionadas à sustentabilidade entre jovens universitários de uma IESP da cidade do Rio de Janeiro. Quanto aos procedimentos metodológicos, tratava-se de uma pesquisa quantitativa, envolvendo a técnica do *survey*, que consiste na aplicação de questionários estruturados e padronizados a uma amostra representativa do universo investigado.

A primeira constatação da pesquisa foi que o meio ambiente, comparativamente a outros problemas, tais como educação e violência, não foi percebido pelos jovens como um problema importante para o país (6,8%) e muito menos para a cidade do Rio de Janeiro (4,4%). Para os jovens pesquisados, o meio ambiente significava, prioritariamente, natureza: elementos como matas, solo, mares, rios e animais fariam parte do meio ambiente, mas, seres humanos e suas construções (cidades, sítios, favelas etc.) não seriam incluídos na categoria meio ambiente. O desmatamento foi espontaneamente citado como o maior problema ambiental do Brasil, já na cidade do Rio de Janeiro o maior problema ambiental é a poluição – simplesmente poluição ou suas variantes: poluição do ar, dos rios, dos mares, das praias e da Baía da Guanabara.

Uma questão importante de ser analisada é aquela relacionada às práticas de proteção do meio ambiente e de promoção da sustentabilidade realizadas pelos jovens no cotidiano. Entre as opções apresentadas, reduzir o desperdício de recursos naturais surgiu como a principal ação cotidiana (75,7%). Os jovens afirmaram procurar praticar o consumo consciente (63,5%) e também conscientizar as pessoas sobre os problemas ambientais (48,6%). Opções que revelam uma prática correspondente a uma faceta importante do processo ambientizador e da nova etiqueta ambiental. A reciclagem de materiais, a coleta seletiva (28%), e a compra de produtos ecologicamente corretos ou de produtos de empresas ambientalmente responsáveis (27,4%) foram relativamente pouco citadas, mas opções como boicote a empresas e/ou produtos que agridem o meio ambiente (4,4%), contribuir com dinheiro (4,1%) ou trabalhar como voluntário em organizações de defesa do meio ambiente (2,4%) realmente não fazem parte do cotidiano dos jovens.

Os jovens se informam sobre esses temas por vários meios, sendo os mais importantes a internet, a televisão, as revistas, as escolas, a faculdade (esta, menos do que as escolas). Livros são os meios menos utilizados como fonte de informação. A forte presença da internet não chega a surpreender, uma vez que esses jovens fazem parte da assim chamada Geração Y ou Geração Internet, caracterizada por ser "a primeira geração

imersa em bits" (TAPSCOTT, 2010, p. 28).

A partir dessa investigação acerca da percepção, do interesse, do conhecimento e das práticas de universitários cariocas de classe média alta sobre o tema sustentabilidade ambiental, foi possível verificar que, se por um lado, esses jovens se consideram bem informados sobre este assunto, por outro, como já se sabe para tantos outros aspectos da vida social, informação não implica atuação. Ser – ou se considerar – bem informado não significa que esses jovens atuem de maneira a sempre colocar em prática os conhecimentos adquiridos. Meio ambiente é uma questão que os mobiliza, mas que também gera desconfiança no que tange às atuações no campo ambiental de governos e empresas. A maneira como esses jovens se instruíram passa, portanto: pelo conhecimento dos problemas e dos conceitos da área ambiental; por algumas práticas cotidianas de proteção do meio ambiente (como a redução do desperdício de recursos naturais, o "consumo consciente" e a conscientização das pessoas sobre os problemas ambientais, mas, por outro lado, não praticam boicotes a empresas e/ou produtos que agridem o meio ambiente, não contribuem com dinheiro e não trabalham como voluntários em organizações de defesa do meio ambiente); e pela percepção de que, as entidades ecológicas, os indivíduos e os governos são agentes responsáveis pela preservação do meio ambiente e pela promoção da sustentabilidade.

A PESQUISA PEGADA HÍDRICA

A pesquisa Pegada Hídrica, realizada a partir de uma parceria entre o Centro de Altos Estudos da ESPM e o Knight Center for International Media da University of Miami, teve como objetivo identificar os conhecimentos e as práticas sobre os usos e os problemas da água, e analisar as ideias de sustentabilidade e de consumo sustentável de água no imaginário de adolescentes e crianças, estudantes de escolas públicas e particulares de ensino fundamental e médio da cidade do Rio de Janeiro. Essa pesquisa possui um forte componente comunicacional e visual, pois traz como elemento central o filme *One Water*, que foi exibido aos alunos e a partir do qual as atividades propostas são desenvolvidas. Filmado em 15 países, *One Water* é um documentário que apresenta diferentes comportamentos em relação ao consumo de água ao redor do globo. Sem depoimentos ou diálogos, o que potencializa a força de suas imagens, *One Water* dá visibilidade aos problemas relacionados à água enfrentados por populações de várias partes do mundo⁴. Quanto aos procedimentos metodológicos, a pesquisa envolveu a aplicação de questionários, respondidos pelos estudantes em duas etapas – antes e após a exibição do documentário *One Water*.

Esse trabalho possibilitou levantar e analisar as ideias de sus-

⁴. Premiado pela ONU e pela Broadcast Education Association, *One Water* foi dirigido por Sanjeev Chatterjee, professor da University of Miami.

tentabilidade e de consumo sustentável de água no imaginário das crianças e adolescentes, identificando fatores sociais e culturais de maior influência na construção desse imaginário. Tratou-se também, de avaliar o impacto do filme entre os alunos, no que se refere às suas ideias e às práticas de consumo de água. A pesquisa foi realizada em duas escolas públicas municipais localizadas nos bairros de Ipanema e Copacabana, e em uma escola particular localizada também em Copacabana, na Zona Sul da cidade. Por serem compostos majoritariamente por questões abertas e discursivas, os questionários proporcionaram análises de caráter qualitativo. Cabe ressaltar que, embora localizadas em bairros considerados de classes média e alta, a maioria dos alunos dessas escolas públicas vem de comunidades – como são muitas vezes referidas as favelas cariocas – de Pavão-Pavãozinho, Cantagalo e Vidigal. Na amostra havia, portanto, indivíduos de classes sociais baixas, médias e altas, e, com relação à faixa etária dos alunos, estes tinham entre nove e quinze anos de idade.

Pelas respostas obtidas através dos questionários, cujas perguntas objetivam medir conhecimentos prévios sobre uso de água, é possível supor que o aquilo que se aprende sobre este tema e meio ambiente, principalmente na escola, não está relacionado ao consumo e uso de produtos, nem à sua cadeia de produção, a não ser naquilo que esteja relacionado à agricultura. Os alunos reiteraram, em suas respostas às perguntas do questionário e em suas falas espontâneas durante toda a pesquisa, a importância de economizar água no chuveiro e na hora de escovar os dentes, e também de manter rios limpos, mas poucos relacionam água aos processos industriais e a outros aspectos de caráter urbano. Fica evidenciado no questionário que os alunos têm informações sobre as temáticas de meio ambiente, em geral, e de água, mais especificamente, mas não sabem exatamente como essas informações estão relacionadas aos seus cotidianos.

As reações dos alunos que criticavam os usos – e abusos – da água feitos por suas mães e que depois da experiência que-rem que seus familiares também assistam ao filme mostram aquilo que Elias (1994a; 1994b) explicava como o surgimento e a disseminação de um padrão a orientar os comportamentos e as atitudes no convívio social. Nesse contexto, passa a se verificar o tom acusatório nas críticas feitas por pessoas que se manifestam publicamente contra outras que não apresentam comportamentos compatíveis com essas novas regras sociais. As acusações e os pedidos de punição nos remetem ao fenômeno, descrito por Elias, do aumento da coação exercida por um indivíduo sobre outro, enfatizando a exigência daquilo que se considera como “bom comportamento”.

Em busca de uma perspectiva relativizadora sobre a relação jovens-meio ambiente

Mais do que as conclusões de cada uma das pesquisas, que foram sucintamente apresentadas neste artigo, aquilo de mais interessante que esses trabalhos possam sugerir talvez seja a possibilidade de formulação de um questionamento mais amplo relativo à visão e à vivência de jovens, adolescentes e crianças em relação às questões ambientais; um questionamento que permita ultrapassar os condicionantes geográficos e sociais que, de certa forma, limitam a extrapolação dos resultados dessas pesquisas.

Entre as questões presentes no universo das novas gerações, aquelas referentes à sustentabilidade, a um futuro sustentável, e que pautam a possibilidade, senão a existência, de um comportamento ambientalmente orientado, têm sido incorporadas aos estilos de vida da juventude? Estariam os jovens mais propensos a “aderir” aos novos comportamentos ditos ambientalmente corretos?

Além do fato de as novas gerações terem, comparadas às gerações anteriores, maior familiaridade com a temática ambiental, uma vez que já nasceram em um tempo em que os problemas ambientais eram bastante conhecidos do ponto de vista científico e massivamente divulgados pela mídia, o meio ambiente é frequentemente apontado como uma questão através da qual haveria uma possibilidade de mobilização planetária, reflexo de um crescente processo de ambientalização das sociedades. O meio ambiente constitui, portanto, um terreno privilegiado para uma reflexão sobre a emergência de novos discursos e de novas formas de comportamento, de manifestação, de obrigação e de responsabilidade. Aquilo que as pesquisas Jovens e sustentabilidade e Pegada Hídrica apontam é para o fato de que, para os grupos de jovens, adolescentes e crianças analisados, o meio ambiente e seus problemas podem ser discutidos, conhecidos e aprendidos – dentro ou fora das instituições de ensino, mas a correlação entre esses conhecimentos e o cotidiano dessas novas gerações, ou seja, a colocação em prática desses aprendizados está ainda em processo. ■

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CORRÊA**, Sílvia Borges. O processo ambientizador e a etiqueta ambiental da empresa que “pensa verde”: o caso da Companhia Siderúrgica Nacional. 2006. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – PPCIS, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.
- ELIAS**, Norbert. O processo civilizador. Volume 1: Uma história dos costumes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994a.
- _____. O processo civilizador. Volume 2: Formação do estado e civilização. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994b.
- LOPES**, José Sergio Leite et al. A ambientalização dos conflitos sociais: participação e controle público da poluição industrial. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2004.
- PORTILHO**, Fátima. Sustentabilidade ambiental, consumo e cidadania. São Paulo: Cortez, 2005.
- TAPSCOTT**, Don. A hora da geração digital. Rio de Janeiro: Agir Negócios, 2010.